

Ser judeu. I

(Aspecto existencial)

As condições sob as quais estamos no mundo podem ser divididas em duas categorias: as que podem ser alteradas pela ação humana, (a nossa própria ou a dos outros), e as que são inalteráveis durante a existência toda. Por exemplo: a nossa condição de mamífero é inalterável, e a nossa condição de burguez é alterável. Max Brod dizia que as condições alteráveis são indignas, porque quem as aceita dá provas da sua submissão à situação que o cerca. Assim a miséria é condição indigna da humanidade. O judaísmo é condição que não permite ser classificada nessas categorias. Tem aspectos alteráveis, e outros inalteráveis. O judaísmo é simultaneamente condição digna e indigna no significado acima exposto.

Por certo: a classificação é problemática, se a considerarmos mais de perto. Por exemplo: voar não está no programa de mamíferos, e a aviação pode ser considerada superação da nossa condição mamífera, tida por inalterável. Ou: embora possamos deixar de ser burguezes e proletarizar, nossa origem burgueza, tida por alterável, transparecerá sempre. Não obstante, a classificação é útil. Permite julgar ideologias. As que salientam as condições inalteráveis, (por exemplo a cor da pele), são reacionárias, porque salientam que nada pode ser feito para mudar o homem. As que salientam as condições alteráveis, (por exemplo a classe social), são revolucionárias, porque salientam que muita coisa pode ser feita para mudar o homem. Por ser o judaísmo condição simultaneamente alterável e inalterável, a utilidade da classificação é salientada. As ideologias que insistem nos aspectos inalteráveis do judaísmo, (por exemplo nas étnicas), são reacionárias, as que insistem nos seus aspectos alteráveis, (por exemplo nos religiosos), não o são. Isto vale tanto para as ideologias judias quanto para as não-judias. Judeu que insiste na sua origem é tão reacionário quanto o é o antisemita racista, seu irmão gêmeo em matéria de ideologia.

Mas por útil que seja a classificação da condição humana, em, digamos grosso modo, "condições naturais e culturais", pouco serve para que nos encontremos a nos próprios no mundo. Como se diz atualmente, a nos "identificarmos". Isto porque a nossa condição é por nos vivenciada em bloco, e não apenas os seus aspectos naturais e culturais se confundem; como se confundem também os seus aspectos típicos, (gerais), com seus aspectos característicos, (individuais). Quando damos passo para traz de nos mesmos para vermos-nos de fora, quando refletimos sobre nos mesmos, temos a visão de um todo indivisível, embora complexo. 'E isto que o termo "indiviuo" significa. Pois o fato que nos nos percebemos enquanto indivíduos sob reflexão distanciada é prova existencial que toda classificação é "teórica", no sentido de resultado da aplicação de determinados modelos. Somos judeus apenas teoricamente.

Isto levou Sartre a pensar que a condição judia é categoria trazida de fora sobre o individuo, imposta sobre ele de fora. Na linguagem sartriana: que se somos judeus, o somos pelo olhar do outro. E que se nos nos assumimos judeus, é que estamos assumindo o olhar do outro sobre nos mesmos. Em outros termos: quem se diz judeu está se alienando de si proprio. Creio que Sartre está parcialmente enganado, por duas razões diferentes. A primeira razão é que a critica sartriana vale para todas as condições humanas, não apenas para a judia: somos masculinos, e brasileiros, e homens do século vinte etc. apenas se assumirmos o olhar externo sobre nos mesmos. Em outros termos: tudo que somos o somos pelo olhar do outro, de modo que tudo que Sartre diz a respeito da questão judia vale também, por exemplo, para a questão feminina. A outra razão pela qual Sartre me parece parcialmente enganado é que menospreza a dialectica dos olhares. Se os outros me percebem enquanto judeu, (e os outros não são apenas os antisemitas, mas sobretudo minha propria familia), eu me reconheço em tal olhar e os olho, de minha parte, com olhar judeu. Pois é verdade que sou o que sou apenas em função do olhar do outro, mas isto não implica que não sou o que sou "realmente". De maneira que embora seja judeu apenas teoricamente, o sou realmente não obstante. Em outros termos: eu sou o que sou, inclusive judeu, apenas dentro das categorias que os outros, (a intersubjetividade), impõem sobre mim, mas fora de tais categorias, em isolamento, não sou estritamente nada. Sem o olhar dos outros não existo.

Mas em outro sentido Sartre tem razão com sua critica penetrante da questão judia. A prova é que todos nos nos descobrimos judeus, em dado instante da nossa biografia, sob o olhar de outrem. São os outros que nos dizem que somos judeus, e é importante para a vida toda quem foi o outro que nos chamou de judeu pela primeira vez. Se foi o pai, se foi um colega de escola, se foi um questionário do aparelho administrativo. A qualidade de tal primeiro olhar judeificante sobre nos empregará com seu sabor toda a nossa judeidade. Isto é, a meu vêr, a diferença fundamental entre judeus integrados no judaismo e judeus assimilados. Os primeiros se descobriram judeus sob o olhar de outros judeus, os segundos se descobriram judeus sob o olhar de não-judeus. Com efeito, e sem exagero, trata-se de duas judeidades quase totalmente diferentes. Judeu assimilado como eu o sou não é judeu no mesmo sentido no qual o é judeu nascido no stetl, ou filho de judeus nascidos no stetl. Toda tentativa de minimizar tal diferença resulta na desexistencialização da questão judia. Este é o abismo que separa judeus do Oriente europeu dos do Ocidente, e nega-lo é insinceridade.

O que acabo de dizer parece válido para o século 19, não para o nosso. Dois fatores, o nazismo e o sionismo, parecem ter superado tal abismo. Creio que tal interpretação é erro. 'E fato que nazismo e sionismo são

dois dados fundamentais, e intimamente interligados, da existência judia da atualidade. Imaginemos, por um instante, que os dois não tivessem ocorrido, e inuituiremos que as coordenadas da questão judia seriam outras. Talvez não haveria mais a questão judia. Talvez os Estados Unidos teriam proposto solução definitiva diferente da hitleriana. Mas tal exercício da imaginação ilustra que os dois dados atuais se sobrepõem sobre dados mais profundos, os encobrem, mas não os cancelam. E os dados mais profundos são que há dois tipos diferentes de judeu: o judeu que o é em função de outros judeus, e o judeu que o é em função de não-judeus.

'E preciso admitir, por mais doloroso que seja, que o nazismo e o sionismo estão intimamente interligados, e não apenas no sentido da velha piada do monumento erigido a Hitler em Jerusalem com a inscrição "unserem He(er)rfuehrer". Fenomenologicamente isto é evidente pelo fato que Israel concentra judeus de todo tipo em promiscuidade tanto quanto Auschwitz. Embora historicamente Israel não seja resposta a Auschwitz, o é existencialmente. Isto é comovente para todo judeu, mas também deveria sê-lo para todo não-judeu. A resposta à concentração para o extermínio é a concentração para a afirmação de vida em dignidade. Mas isto não deve obscurecer o fato que o sionismo é o olhar pelo qual respondemos ao olhar nazista. Claro é: o olhar nazista é coisificante, o olhar do "Mal", e o olhar sionista é alterificante, comovedoramente humano. No entanto: são olhares dialogicos, e como não há nazista sem judeu, não há sionista sem nazista.

Ainda não digerimos o nazismo, e a culpa não é exclusivamente a dimensão do evento. A culpa é principalmente o fato de sermos, todos, fundamentalmente judeus pos-nazistas. A questão do nazismo é, para nos, a questão da raiz do nosso estar-no-mundo enquanto judeus. 'E isto que levou Hannah Arendt a filosofar, mas creio que uma filosofia pos-nazista ainda não foi feita. O problema é este: como viver depois de Auschwitz? O problema tem vários parametros, alguns entre eles não especificamente judeus, e tratarei deles em outro contexto. O que interessa no contexto desta palestra é a pergunta: como integrar Auschwitz no meu estar-no-mundo enquanto judeu? O sionismo é uma entre as respostas possiveis. Os israelis são mais "integros" que nos porque vivem tal resposta. Estão prontos a sacrificarem suas vidas, e as das seus filhos, a salvaguarda de tal resposta. Mas essa resposta não é necessariamente válida para todos. Pode parecer, para alguns, estar demasiadamente informada pelo proprio nazismo ao qual está respondendo. O que urge é encontrar respostas alternativas, individuais e colectivas, mais imbuídas no judaismo pré-nazista que pelo nazismo. O que urge é o que meu primo David chama de "sionismo pré-emancipatorio". Estamos longe de termos elaborado tais respostas alternativas. O que não é prova de vitalidade extraordinária do judaismo da atualidade.

4

Embora atualmente a única resposta digna ao nazismo seja o sionismo, outra está se esboçando espontaneamente: a americana. O que lá está acontecendo não é comparável nem com a situação atual brasileira, nem com as situações passadas da Alemanha do começo do século ou da Espanha do século 15. Os judeus não estão sendo assimilados pelo ambiente, nem formam elemento poderosamente produtivo na sociedade. Está surgindo nos Estados Unidos toda uma civilização, (literatura, arte, filosofia, técnica, ciência, maneira de viver), que tem sabor judeu. A aparente decadência atual de tal civilização nova não deve ofuscar o fato de tratar-se de uma das alternativas para a humanidade toda. O mundo está se americanizando, isto é: judaizando. Creio que tal fenômeno merece análise tão cuidadosa, por quem quizer captar sua existência judia na atualidade, quanto merece análise cuidadosa o sionismo.

Quando Sartre analisou a questão judia, tomou Raymond Aron por modelo, e por ocasião da sua morte Raymond Aron assumiu o papel que Sartre lhe atribuiu. Tivesse Sartre tomado por modelo Tchomski, ou Philip Roth, ou Andy Warhol, ou Norbert Wiener, sua análise teria sido diferente. 'E que Raymond Aron se toma por judeu frances, e os outros se tomam por americanos, precisamente por serem judeus. Não fossem judeus, não poderiam ser americanos. Para dizê-lo em termos sartrianos: Para judeu francez ou brasileiro a sua condição de francez ou brasileiro é problema, porque no olhar do outro a sua condição de judeu encobre a outra. Judeu brasileiro que viaja no exterior é percebido, mais ou menos corretamente, como judeu, não como brasileiro. Mas para judeu americano não há este problema. 'E percebido americano na medida em que é percebido judeu. Creio que isto não é suficientemente conscientizado.

Meu proposito não é o de advogar alternativas à solução sionista do problema existencial judeu. Quero apenas expôr o que me parecem ser os dados do problema. São estes: Não há uma unica condição de ser judeu, há duas. Quando fui jogado dentro do mundo sem ter sido consultado encontrei-me ou enquanto judeu para outros judeus, ou enquanto judeu para não-judeus. Isto é dado fundamental da minha condição humana, tanto quanto o é minha condição de burgues ou de macho. Mas esse dado fundamental foi encoberto pela catástrofe nazista que confundiu o ser-judeu-para-judeus e o ser-judeu-para-não-judeus no mesmo forno. Não permitamos que os nazistas continuem a confundir-nos. Há duas maneiras de assumir-se judeu: para outros judeus, ou para o mundo. Por certo: as duas maneiras podem complementar-se, e de fato o fazem nos períodos gloriosos da historia judia. Mas individualmente devemos escolher entre as duas, e devemos fazê-lo de acordo com o nosso autêntico estar-no-mundo. Devemos ser fieis a nos mesmos, afim de podermos superar-nos. O sionismo é sistolico: concentra-se sobre o judaismo. O que nos faz falta é o movimento diastolico que abre o judaismo para os outros, ao se abrir para eles.